

JUVENTUDES NEGRAS CAPIXABAS UMA AUTOETNOGRAFIA NO BEKOO DAS PRETAS

Marcos Sales Bezerra¹

<https://orcid.org/0000-0002-0152-7037>

Resumo: Este artigo apresenta uma análise autoetnográfica sobre os efeitos dos dramas vividos por juventudes negras na cidade de Vitória (ES), a partir do dispositivo étnico-político *Bekoo das Pretas* – uma organização urbana de economia mista criativa e afrocentrada, vinculada ao Instituto Das Pretas (IDP). O estudo concentra-se, mas não se limita, aos efeitos dessas vivências, propondo que, mesmo em contextos marcados pela apatia estruturante racial, emergem movimentos de enfrentamento que não se dão por ações individuais isoladas, mas por lutas coletivas ancoradas na ancestralidade e capazes de gerar acontecimentos transformadores. A análise revela que, onde há ruído, há também táticas de criação. No contexto do *Bekoo das Pretas*, identificou-se uma prática de autogestão que opera como trama de futuros possíveis, com potencial para reconfigurar situações juvenis.

Palavras-chave: Juventudes negras; Autoetnografia; Bekoo das Pretas; Estudos Organizacionais.

Abstract: This article presents an autoethnographic analysis of the effects of the lived dramas experienced by Black youth in Vitória, Espírito Santo (Brazil), through the lens of the ethno-political device *Bekoo das Pretas*—an urban organization of mixed creative economy grounded in Afrocentric principles, created by the Instituto das Pretas. While the study focuses on these effects, it also suggests that, even in contexts marked by structural racial apathy, there are movements of resistance that do not arise from individual actions alone, but from collective struggles rooted in ancestry—events that carry the potential for transformation. The analysis reveals that wherever there is noise, there are tactics of creation. In the case of *Bekoo das Pretas*, a form of self-management was identified, one that weaves new possibilities and has the potential to reshape the realities of youth.

Keywords: Black youth; Autoethnography; Bekoo das Pretas; Organizational Studies

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (CE/PPGE/UFES)

INTRODUÇÃO

Está escrita é um dos meus sonhos, ela é fonte de um estudo no campo dos Estudos Organizacionais, parte da minha dissertação de mestrado em Administração, produzida em uma universidade pública capixaba. A pesquisa também vinculada ao campo psicossocial, foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal, Campus Goiabeiras, sob o número, e defendida em 2021. A produção do manuscrito ocorreu em meados de agosto de 2020, ainda em pleno contexto pandêmico da Covid-19. Naquele cenário, e ainda hoje, o tema disparador desta investigação, a Participação Política (PP) das Juventudes Negras (JN), ressoa com urgência. Como afirma Mano Brown, *rapper* dos Racionais MC's e importante sujeito político do nosso tempo, é desprezível que alguns dramas dessas juventudes ainda ocorram. Pior: são aprofundados, naturalizados pelas instituições de governo e, em grande medida, por toda a sociedade brasileira.

Inspirada também pela socióloga Helena Abramo, que ao analisar as juventudes brasileiras do contemporâneo aponta que, sejam por condições juvenis ou situações juvenis, estas são reveladas por diferentes impressões, está escrita reconhece que os jovens estão imersos em tramas diversas, vivem acontecimentos distintos, todos atravessados por constrangimentos ao longo de sua jornada (Abramo, 2005 apud). Neste artigo, uma das tentativas foi ao deparar-se com essas condições juvenis – reconhecidas como elementos paralisadores a todas as juventudes, não é negar as raízes de suas condições. Contrário, também argumentamos que elas podem ser observadas por outro viés, ou seja, as condições juvenis estruturantes também são movediças e podem ser maneiras para encontrarmos outras alternativas para o agir. Junto a esta tratativa discorreremos outra, as *situações juvenis* – acontecimentos vividos aos grupos etários em função do marcador étnico-racial, argumentamos que as situações podem ser enfrentadas, não por agires particulares, mas por lutas coletivas trazido da/na ancestralidade, acontecimentos de transformação. Sendo assim, ambas tratativas caminham por táticas tidas pelos ideais de solidariedade.

Num estado caótico de violências sistêmicas que se normalizou no vai e vem capixaba, de lá para cá os dramas não mudaram. Ainda que em meio as repetições, é necessário espiar com desconfiança os Atlas da Violências, eles revelam as materialidades enfrentadas pelos diferentes sujeitos, de certa maneira, os lugares das diferenças estruturante do Brasil. No mais recente produzido com base nos dados do Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) citado por (2021), no que se refere ao retrato da violência

contra “Juventude e as Crianças” (2022), dentre a Região Sudeste ao lado do Estado do Rio de Janeiro, o estado do Espírito Santo está no centro dessa alarmante fotografia. Já, no recorte de vítimas por raça/cor por UF Brasil, nós o Estado Santo, além de superamos a taxa média de homicídios do Brasil, somos o único da região sudeste neste registro. Significamos o Estado que mais mata jovens negros da região sudeste (....., 2021). Este dado além de envergonhar a todos, em particular as instituições de governo locais, municipais e estaduais, ao mesmo tempo produz sentimento de resistência.

Este é o cenário caótico que resistem as JN. Este texto nasce como gesto étnico-político: um convite a quem lê para percorrer um campo-território ainda vivo, o evento *Bekoo das Pretas* (BKP). Trata-se de um evento gestado por uma organização sociocultural capixaba, sob a forma de uma Economia Mista Criativa e Afrocentrada, encabeçada pelo Instituto das Pretas (IDP), localizado em uma ilha na capital do Espírito Santo e protagonizado por mulheridades negras. Neste percurso, nos deixamos afetar pelos encantamentos do espaço político e contestatório (re) construído pelo coletivo de mulheres negras. O BKP é, aqui, um dos dispositivos disparadores que nos ajuda a compreender parte das situações vividas pelas JN. Entre essas experiências, destacam-se as táticas criadas por essas juventudes para reverter normas violentas em possibilidades de resistência e de vida. Assim, problematizamos as trilhas que o plano do “visível” oferece, trilhas muitas vezes reconfortantes, mas que precisam ser rompidas. As práticas étnico-políticas das JN não se organizam sob essa lógica. Por isso, cremos que há outros efeitos, outras possibilidades. Não centralizamos nosso olhar apenas nas condições e situações limitantes da juventude negra, mas nos modos como, em coletivo, essa juventude inventa caminhos. Escutar o coletivo é fundamental. É preciso realizar novas leituras dos espaços negros, leituras que se façam também com desconfiança diante das suas fragilidades.

Como aponta Abramo (2005) citado por, ainda que existam condições juvenis comuns ao grupamento etário, as situações juvenis, determinadas por marcadores sociais como raça, gênero e classe, produzem experiências sociais desiguais. Por isso, a noção de “juventude” precisa ser pluralizada: juventudes. E mais que uma mudança de número, essa ampliação sugere a complexidade de práticas e realidades atravessadas por múltiplas fronteiras, muitas delas traçadas por instituições. Estas funcionam como engenhos decisórios que moldam situações e subjetividades. Este texto, portanto, busca também se inscrever no meio acadêmico como uma escrita-memória. Relatamos fragmentos de acontecimentos vividos por este grupamento etário, muitos dos quais compartilhados com a trajetória do próprio autor.

As experiências vividas pelas JN, produzidas em um aparato sociocultural urbano, são marcas do nosso tempo. Por isso, nomeamos tais vivências como Acontecimentos, com letra maiúscula, pois carregam a força de circunstâncias que talvez jamais serão esquecidas. É com esse “sacode” que nos colocamos ao lado das JN, experienciando os Acontecimentos do BKP, evento organizado por meio da autogestão. Neste estudo, propomos uma análise da PP das JN no contexto do BKP. A escrita busca atender às exigências de rigor acadêmico, mas também atender a desejos ético-políticos. Desejamos registrar publicamente as táticas coletivas que a juventude negra capixaba tem criado para enfrentar situações juvenis marcadas por forças instituídas que naturalizam as desigualdades. Mesmo reconhecendo a importância de denunciar as ações perversas das instituições, especialmente daquelas que compõem o aparato representativo do Estado, está escrita se propõe, sobretudo, a documentar as potências criadas para superar tais estruturas.

Ao problematizar a PP das JN, enfrentamos o desafio de revisar a forma como esses debates têm sido tratados, frequentemente marcados por frames que paralisam toda a população negra (Bezerra, 2021). Soma-se a isso a tendência de restringir o olhar sobre a juventude negra aos dados de violência, consolidando sua presença como ausência na política de morte. Mas não é essa paralisia que nos move. Como dizem os gentílicos espírito-santenses, “dá gastura” repetir o mesmo. Aqui, buscamos reinvenções. Para não ficar palha, antecipamos: não se assustem com o corpo desta escrita. Estabelecemos, desde já, alguns combinados.

Primeiro: os resgates dos Acontecimentos no BKP são tecidos por um caminho autoetnográfico conforme autores Ellis, Adams e Bochner (2019), Tullis (2019) e Santos (2017), citados por Nele, o “Auto” refere-se à autodescrição do sujeito imerso; o “Etno”, à cultura; e a “Grafia”, à escrita, aos registros possíveis. As experiências do Eu vivido no coletivo por este autor-viajante são apresentadas de forma interpretativa e analítica. Por isso, chamamos este texto de escrita-momentos. A autoetnografia é aqui compreendida como catarse, como elo entre os viajantes e o campo-território. Desejamos denunciar a falência da norma-estrutura e propor outros pactos. Caminhos como o do BKP nos oferecem fôlego e nos instigam a pensar em novas alianças. Ações que rompem com o drama imposto, a partir de estéticas e visualidades que enfrentam os efeitos do racismo.

Em segundo lugar, a narrativa aqui apresentada é atravessada por cinco momentos vividos no BKP, entre 2017 e 2019. O lastro dessa escrita está na confiança cultivada com os jovens que compõem o campo-território (Ellis, Adams, Bochner, 2019 apud). Falar em primeira pessoa do singular é estratégia política, não ausência de rigor. Trata-se de romper com os sentidos impostos pelo mundo aca-

demicista que, sob o disfarce da neutralidade, esvazia a presença. Reivindicamos, aqui, o lugar de fala do sujeito afro-acadêmico, cuja escrita carrega tons e racialidade. Em um universo que ainda insiste em manter presenças ausentes, nossa escrita afirma a autoria de quem, historicamente, foi o Outro.

Por fim, está escrita – momentos é também um convite: que os leitores – viajantes possam experienciar, por meio da leitura, os sentidos do BKP. Conflitos, afetos, encontros. Da preparação ao ir, da abertura dos portões ao soul que embala a noite. Das linguagens, dos repertórios, até o convite para um novo reencontro. Reconhecemos o caráter instável dos sentidos, a beleza de relembrar fragmentos do todo. Este texto – ensaio se distancia da busca arqueológica por violências e aproxima-se das inventividades que o BKP oferece, um letramento crítico racial vivenciado pelo autor desse texto. Por isso, autoetnografamos nossas andanças nas noites capixabas, em um evento sociocultural situado em um estado que acolhe todas as gentes.

BEKOO DAS PRETAS (BKP): O/S TERRITÓRIO/S

À primeira vista, o Bekoo das Pretas (BKP) pode ser definido como um “simples” evento noturno, realizado aos sábados na capital capixaba, Vitória, no Espírito Santo. No entanto, essa definição, embora para alguns possa ser suficiente, ela é apenas uma das muitas camadas que cercam o lugar. No caso específico, problematizamos que a definição de lugares pelo olhar instituído é um dos efeitos acumulados pelas lentes do colonizador. O território do BKP é revestido de sentidos simbólicos que extrapolam quaisquer descrições do plano superficial.

Dentre tantas apreensões, ao participar de suas noites, é possível perceber que ali vigoram diferentes Acontecimentos capazes de (re) significar trajetórias, sobretudo das Juventudes Negra (JN), e também abrir caminhos para (re) pensar seus lugares como sujeitos ético-políticos. O BKP se transforma, então, em um espaço onde os condicionamentos estruturais são enfrentados, resignificados e, em muitos casos, superados. Nesse sentido, ao ocupar outros espaços políticos, a JN, mesmo diante das barreiras moldadas pela lógica da norma-estrutura, cria outras possibilidades.

Para muitos jovens, muitos territórios pretos, o BKP representa o início da problematização de temas urgentes, como os efeitos do racismo na sociedade brasileira. É um ato, um movimento, um gesto rumo a *Wakanda* – uma menção ao mundo ficcional africano tratado no filme estadunidense *Pantera Negra*, um símbolo de utopia possível, de horizonte coletivo. (Re) escrever juntos os significados

dos encontros que emergem no BKP, e também fora dele, é uma das tratativas assumidamente públicas desse território político-pedagógico.

A forma como o evento é organizado é atravessada por uma intencionalidade que conjuga a tríade gênero, raça e classe. Até a defesa desta escrita, o BKP permanece titulado como o único evento brasileiro realizado com protagonismo simultâneo de gênero e raça. Nasceu de um coletivo e, posteriormente, foi abraçado pela estrutura do Instituto das Pretas (IDP). Em todas as suas frentes, são mulheres negras que lideram os espaços. O BKP é, portanto, expressão viva de organização negra, liderada por mulheridades que reconfiguram narrativas e modos de existir.

Participar do BKP é também acessar outras compreensões sobre os desafios cotidianos vividos pela JN capixaba. É mergulhar nos sentidos das relações que se constroem sob os efeitos do funcionamento do Estado e de outras instituições representativas. Os relatos vividos e compartilhados no evento confirmam as situações juvenis complexas apontadas na literatura. E, ao compreendê-las, é possível contrastar, problematizar e identificar aquilo que alimenta os enfrentamentos, bem como os movimentos que a juventude negra desenha para a construção de novas alianças. No BKP, saudamos diálogos que propõem olhar tanto para a herança histórica quanto para as potências emancipadoras das ações educadoras.

O evento não é apenas um espaço para “recarregar a bateria”, mas um território onde se defendem posições políticas e se recriam movimentos possíveis. Foram mais de três anos acoplado às noites do BKP, tempo em que foi possível viver e perceber que, ali, não existiam controles limitadores dos movimentos que buscavam pensar, cuidar e fortalecer a comunidade. Ao contrário: diante de práticas desfavoráveis, o (a) jovem era convidado (a) a repensar seus gestos, se esse ainda fosse seu desejo de estar. Esse é o tom da autogestão presente no evento.

Este aprendiz autoetnográfico, antes mesmo de ingressar no mestrado, já frequentava o BKP. Depois, passou a integrar a equipe do IDP. Desde então, reconhecia a potência daquele território como possibilidade para pensar uma trajetória de pesquisa. Com muita insistência e enfrentamento, foi possível legitimar o BKP como campo-tema desta escrita. Uma escrita que não apenas narra, mas que testemunha, corpo, voz e experiência, os sentidos que habitam o campo-território. As ações criativas germinadas no BKP sempre apontaram para o desejo de transformação. O território se faz espaço de sociabilidade, de criação conjunta para enfrentar as perversas situações juvenis. Nele, pensa-se o agir, exercita-se a autogestão e cultiva-se o acolhimento.

As noites do BKP nos convidam, também, a revisitar as formas com que todas as organizações aprendem e ensinam. Reconhecer a potência dos espaços

emergentes é, igualmente, caminho para enfrentar os desafios cotidianos. Nesse gesto de abertura, emergem a aprendizagem política, a reflexão junto à educação antirracista, o pensar coletivo sobre um fazer educativo emancipador. São lições que atravessam essas noites. Refletir sobre a importância de processos que estão em constante movimento, que dialogam com na/da realidade da população negra e com na/da significação de ser sujeito, negro e político. Eis, a aposta e importância desta autoetnografia.

AUTOETNOGRAFIA: O/S ACONTECIMENTO/S

“Racistas, machistas, misóginos (...) não passarão”. Esse grito ecoou no microfone em todas as edições do BKP. Outros trechos, como o funk “*Eu Só Quero É Ser Feliz*” (1995), também marcaram presença, descrevendo, em ritmo e letra, movimentos que expressam vivências concretas. Para algumas juventudes, o simples direito de ir e vir ainda é uma barreira. Ser enquadrada por violências estruturantes, como abordagens policiais truculentas e a constante ameaça de ser “confundida” com algum suspeito, compõe o cotidiano.

O funk carioca, nessa escrita, se expressa como manifesto. Composto por dois jovens negros, Cidinho e Doca, o funk apresentou as reivindicações da juventude da década de 1990, realidades que, infelizmente, ainda hoje se repetem como um ciclo vicioso que persiste na vida da juventude negra (JN). A pergunta que nos inquieta e que precisa ser problematizada é: quais são essas realidades? Aposta-se que a juventude negra periférica denuncia, a seu modo, seja pela arte, pela música, pelo teatro, pela dança, pela política ou pelas produções acadêmicas, as desigualdades que ainda estruturam o nosso presente. E, nesse canto coletivo, elas afirmam: “*Chega! Eu só quero é ser feliz!*”

“No dia do BKP, eu me arrumo com a roupa que posso. Não há regras estéticas, muito menos de gênero. Posso ir de calça, saia, bermuda, chinelo, tênis, vestido ou salto alto. O mais importante é que você vá, e se divirta do jeito que você é.” (Autor, 2021).

Às 20h da noite, a caminho do evento, os terminais rodoviários estão lotados.

No dia do BKP, os coletivos demoram, as filas aumentam, e os pontos se enchem de jovens que desfilam seus melhores looks. Enquanto esperam, conversam, trocam ideias, elogiam-se. Paralelamente, há também olhares que não acompa-

nham esse movimento, os olhares dos que não vão ao evento. Surgem estranhamentos silenciosos. Risadas curtas, cochichos disfarçados. Pequenos gestos que, mesmo sutis, revelam resquícios de discriminação.

Ao olhar para o cenário político institucional capixaba, é importante destacar uma contradição central: estamos num estado majoritariamente negro, que, ao mesmo tempo, defende uma agenda institucional conservadora. Em certas ocasiões, há um reconhecimento racial; em outras, uma negação que respalda uma política historicamente excludente. Esse paradoxo ajuda a explicar os olhares desconfiados de alguns sujeitos que se recusam a aceitar que, mesmo diante de tantas adversidades, há jovens que afirmam com orgulho sua identidade negra. Essa negação parece confortável, pois estabiliza e naturaliza o funcionamento do sistema-norma capixaba.

“No dia do BKP, as redes sociais — Instagram, Facebook — anunciam os preparativos, os ‘bafos’ que estão por vir e, claro, informam se ainda há ingressos à venda e onde comprá-los” (Autor, 2021).

Em meio a tantas contradições, ainda é incomum ver, nas ruas da capital capixaba, jovens negros reunidos vestindo roupas que expressem, com liberdade, sua negritude, sejam cabelos *black Power*, tranças, rastafáris, turbantes altos, batons coloridos, estampas africanas, sandálias de salto alto e vibrante. Mas no dia do BKP, a juventude negra é convocada a romper com o sistema-norma. E elas respondem, marchando com seus corpos e estéticas para o evento. Ali, a *geração tombamento* entra em cena. O *bafo* — expressão da comunidade LGBTQIAP+ que remete à fofoca ou notícia quente, ganha força nos *esquentas*, que ocorrem em frente ao local do evento. Por volta das 20h30, as luzes começam a acender, os primeiros sons ecoam, o DJ testa sua *line*, os microfones são ajustados. Do lado de fora, a euforia se espalha. Jovens dançam, alguns descem até o chão. O aquecimento já começou.

Memorizar o BKP é também lembrar de sua importância econômica: o evento movimenta o comércio local, gera renda e visibilidade. Como esquecer da tia que prepara o melhor hot-dog capixaba? Os comerciantes, atentos à data, adaptam seus produtos ao tema da edição. Pulseiras, abadás, luzes coloridas, tudo é vendido na entrada, em sintonia com a proposta do evento. Muitos jovens, sem tempo para se arrumar após um dia de trabalho, improvisam ali mesmo, na concentração. Os “tios e tias das barraquinhas” lucram com a venda de bebidas (água, cerveja, vinho, conhaque, catuaba), sanduíches (hot-dogs, mistos, pão com cala-

bresa) e acessórios (brilhos, óculos de LED, anéis, maquiagens neon). Os produtos são pensados para o público, e também funcionam como estratégia para “forrar o estômago” antes da bebedeira.

Na concentração, enquanto a música embala o ambiente e o “esquenta” vai ganhando força, uma fila começa a se formar perto da bilheteria da quadra. É o primeiro momento de tensão para quem ainda não tem o ticket de entrada em mãos. Até a data desta escrita, os ingressos variavam entre R\$ 5,00 e R\$ 40,00, dependendo do ponto de venda. Quando adquiridos com comissários, os valores oscilavam entre R\$ 5,00 e R\$ 10,00; em lojas parceiras e na sede do IDP, entre R\$ 15,00 e R\$ 20,00; e pela internet, podiam chegar a R\$ 40,00. A venda se encerra algumas horas antes do início do evento. A partir daí, a organização faz uma contagem para mensurar o total de ingressos vendidos e, se possível, libera uma nova leva, respeitando o limite máximo de lotação do espaço.

Enquanto não entramos na quadra, do lado de fora, começa o burburinho: “Gente, alguém tem ingresso aí para vender? ”, gritam alguns com certa aflição. Às vezes, um ingresso surge, vindo de um amigo que desistiu, ou de presente de alguma *crush*, aquele afeto especial que transforma o gesto em carinho. A música alta, a alegria aquecida pelos drinks, os encontros e os reencontros tornam impossível ficar parado quando o funk “*Glamurosa*”, do MC Marcinho (2002), começa a tocar. Com o ingresso em mãos, a sensação é uma só: não quero guerra com ninguém, quero entrar!

Às 21h da noite, as portas se abrem.

A bilheteria volta a funcionar para vender os últimos ingressos. A música aumenta de volume. A equipe de segurança se posiciona na entrada da quadra. O esquentamento chega ao fim. Diferente de muitos eventos que ainda separam filas por gênero, “homens” de um lado, “mulheres” do outro, no BKP não há essa distinção. As filas são mistas, plurais, compostas por diferentes identidades de gênero, corpos e expressões. No momento da entrada, é obrigatório apresentar o ingresso e um documento oficial com foto que comprove a maioridade (18 anos ou mais). Após essa verificação, a pessoa é autorizada a passar pela catraca. Em seguida, antes de acessar o espaço principal da quadra, há um corredor destinado à revista. Dependendo da identidade de gênero com a qual a pessoa se identifica, ela será direcionada ao segurança correspondente para o procedimento.

A revista é rigorosa: busca impedir a entrada de objetos cortantes, bebidas e substâncias proibidas. A segurança é feita por profissionais identificados como do gênero masculino e feminino, ambos habilitados a realizar o controle do acesso a quadra. Nas edições das quais participei, percebi que a revista feita pelos segu-

ranças masculinos costuma ser mais demorada. Alguns pedem que batamos os pés no chão, um de cada vez, enquanto inspecionam os sapatos com lanternas. Se a pessoa estiver carregando algo, como capacetes, mochilas de trabalho ou bolsas, pode utilizar o guarda-volumes, disponível por R\$ 2,00. Basta pagar esse valor na bilheteria, apresentar o ingresso à equipe, que então armazena o item e registra os dados do dono para que, em caso de esquecimento, ele possa ser localizado depois. E se a pessoa realmente esquecer? No dia seguinte, a equipe do BKP posta nas redes sociais fotos dos objetos deixados para trás, com orientações sobre onde e como recuperá-los.

Às 21h15 da noite, estamos a caminho.

O grito político ecoa alto, como um ritual: “Racistas, machistas, misóginos, LGBTQI+fóbicos não são bem-vindos/as e não passarão!” Esse é um dos acordos ético-políticos compartilhados entre todas as pessoas presentes no BKP, e sempre é entoado por Priscila Gama, em todas as edições. Com esse grito, ela nos lembra da força dos afrosentidos que sustentam esse território de festa, resistência e afirmação. Na quadra da ACSGRES Novo Império, ao descer as escadas e caminhar lentamente até o centro do espaço, é possível avistar o bar logo à frente. Ao lado dele, estão as barracas dos empreendedores que, associados ao IDP, têm autorização para comercializar seus produtos e oferecer seus serviços durante o evento.

A quadra é ampla e, por volta das 22h da noite fica mais cheia.

À esquerda, está o palco principal, o coração da noite. É ali que os DJs se apresentam e que Priscila solta seus recados. Depois das dez horas, enche a portaria com a chegada de mais jovens. Antes de me aproximar do palco, percebo que muitas pessoas se dirigem ao caixa, localizado ao lado do bar. O objetivo? Comprar as fichas que garantem acesso às bebidas da noite. Outra possibilidade é adquiri-las com os trabalhadores *freelances* do BKP, que circulam pelo evento identificados com uniformes e utilizam maquininhas de cartão para facilitar a venda, as modalidades débito e crédito são aceitos.

Ao circular pela concentração, mesmo com duas opções para comprar os bilhetes, há muitas reclamações. Isso porque, para ter acesso às bebidas, é necessário enfrentar longas filas, e elas, invariavelmente, continuam imensas durante toda a noite. Em relação à organização espacial do evento, como o BKP acontece nas quadras de escolas de samba, não há espaços planejados para sentar. O centro da quadra fica livre justamente porque sua função é ser pista de dança. Mesmo quem não dança, geralmente permanece em pé, socializando com uma bebida na mão. As poucas possibilidades de sentar-se surgem graças aos vendedores, que trazem suas próprias cadeiras e as disponibilizam apenas para quem consome seus

produtos. Caso contrário, os jovens mais cansados do rolê acabam sentando-se no chão mesmo. Com o tempo, aprendi a evitar algumas dessas filas. Sempre busco comprar as fichas logo no início do evento, o que me permite aproveitar melhor o tempo e não interromper o rolê para procurar comida ou bebida mais tarde.

Outro detalhe importante são as dinâmicas de uso dos sanitários. No BKP, as diferentes identidades de gênero também se encontram nos banheiros. Isso é parte da política do evento: construir espaços solidários. Diferente da maioria dos espaços públicos e casas de show da Grande Vitória (ES), organizados a partir de uma lógica binária, no BKP os banheiros são usados por pessoas cis heteronormativas e também por pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis, Queers, Intersexo — a comunidade LGBTQIA+ em toda sua pluralidade. Para quem frequenta o BKP, isso já é sabido. Essa informação é constantemente reforçada por Priscila Gama e também pelas redes sociais da Comunidade Bekooniana, presente nos slogans de todas as edições: “Racistas, machistas, LGBTfóbicos não são bem-vindos”. Assim, a qualquer momento, quem está no evento pode se deparar com expressões diversas de gênero — dentro ou fora dos banheiros.

Quando o *soul* começa, por volta da 1h da manhã? Acredito que não.

Quando percebo, o suor, o espacate e a gritaria tomam conta da quadra. Em todos os lados que você olha, são múltiplas acrobacias. Cada edição do BKP traz um tema específico, anunciado previamente pela organização. Por isso, há sempre sugestões sobre acessórios, cores de roupas ou estilos, embora nada seja obrigatório. A escolha da *line-up*, a sequência dos DJs da noite, também acompanha a temática, com músicas previamente selecionadas e outras produzidas ali mesmo, ao vivo, sentindo o clima do público. É essa curadoria musical que determina a vibe da festa. Alguns DJs, inclusive, atraem grande expectativa na bilheteria, pois suas apresentações são inéditas no Espírito Santo ou reconhecidas no cenário nacional. O palco é decorado de acordo com o tema da noite, ampliando a imersão do público na proposta do evento.

Na ACSGRES Novo Império, sediada na comunidade de Caratoíra, na região de Santo Antônio em Vitória, o palco é fixo, construído em concreto, com menos de 1,5 metro de altura. Isso porque ele foi pensado para os ensaios da escola de samba, e nesses rituais não há hierarquia, a bateria da escola é composta pela própria comunidade. No BKP, essa horizontalidade também é princípio. Ainda assim, com o avanço da noite e o consumo de bebidas, algumas pessoas começam a se exaltar. Por isso, grades são colocadas em torno do palco para proteger os equipamentos de som e a equipe de produção que continua trabalhando com seriedade nos bastidores.

Mais que entretenimento, o BKP afirma seu compromisso político e social. Em uma das edições — a Edição Força Preta (2017) — o caso Rafael Braga foi trazido como tema problematizador². Relembrou-se ali a história de um jovem negro, morador de rua, preso injustamente em junho de 2013 no Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo que milhares de brasileiros saíam às ruas exigindo mudanças políticas, no que ficou conhecido como as Jornadas de Junho, em outro lado Rafael foi detido por portar um frasco de desinfetante. Sua prisão se tornou símbolo da seletividade do sistema penal e do racismo institucional. Em 2017, após ampla mobilização, ele obteve prisão domiciliar. Ao trazer essa memória, o BKP reafirma: nossa existência também é resistência.

Figura SEQ Figura * ARABIC 1 - Libertem Rafael Braga (Edição Força Preta)



Fonte: Facebook BKP das Pretas. Foto: Luana Monteiro e Akin Olorin de Ogun (2017) apud

O BKP, a beca e a animação dos DJs fazem parte do espetáculo. São eles que trazem as *line-ups*, que apesar de disponíveis nas plataformas digitais, como *YouTube*, *Spotify* e *YouTube Music*, ganham novas versões nas mãos desses artistas. As mixagens no BKP são únicas, e o repertório navega por diferentes gerações. Os

² O caso Rafael Braga, preso em 2013 por portar materiais de limpeza na esteira das manifestações populares. Após a prisão, cinco anos depois, ele cumpre prisão domiciliar e faz tratamento para tuberculose contraída em presídio, enquanto aguarda recursos jurídicos que possam reduzir sua pena. O caso evidenciar o perfil racial e socioeconômico dominante na população carcerária, jovens negros da periferia, e reforça que o caso se tornou símbolo das injustiças e do racismo institucional no sistema penal brasileiro.

clássicos dos bailes funk e do rap nacional aparecem com nomes como: Cidinho & Doca, Deize Tigrona, MC Leozinho, Gaiola das Popozudas, MC Coiote, MC Marcinho, Claudinho & Buchecha, MC Perlla. Já a geração tombamento marca presença com Linn da Quebrada, Karol Conká, Rico Dalasam, Liniker, Tássia Reis, MC Carol, IZA. Ao lado delas e deles, também entram no set list as divas pop que fazem vibrar o coração da pista: Beyoncé, Nicki Minaj, Ludmilla, Karol G, Pabllo Vittar, Rita Ora, Madonna, Rosalía, Jojo Todynho, Anitta, Katy Perry. No BKP, os DJs tocam de frente para o público, o que difere dos antigos bailes blacks dos anos 1990, quando as mixagens eram feitas ao fundo com vinis, no toque manual. Hoje, usam mesas controladoras eletrônicas com efeitos inéditos ou sampleados, e também podem interagir com o público ao microfone, anunciando o início de sua *line*.

Nos intervalos entre um DJ e outro, quem assume o microfone é Priscila Gama. Como uma mestra de cerimônia, ela conduz os recados, os avisos e também os alertas, principalmente àqueles que tentam ultrapassar os limites do respeito. Algumas pessoas ainda tentam coagir, assediar ou constranger quem não se enquadra em padrões binários ou normativos. Mas não conseguem. No BKP, todas as pessoas vestem azul e rosa — e todas as expressões de existência são bem-vindas. Mas, afinal, quais grupos juvenis encontrei ao longo das edições do *Bekoo* das Pretas? Ao refletir sobre os diferentes públicos que frequentam o evento, com suas múltiplas expressões e dimensões políticas, é inegável que o BKP tem como base um público majoritariamente negro e jovem. No entanto, dentro desse amplo e heterogêneo recorte, outros sujeitos também vêm se somando ao evento, cada qual trazendo consigo suas cores, expressões de gênero, orientações sexuais, gostos musicais e vivências geracionais diversas.

Dentro do BKP, essas diferentes presenças, muitas vezes marcadas por contrastes e até tensões, constroem um espaço onde se cruzam olhares, debates e disputas simbólicas sobre o próprio sentido do evento. Partindo do entendimento de que juventude não é uma categoria homogênea, essas diferenças se expressam, por exemplo, nas formas como os grupos chegam ao *Bekoo*. Muitos escutam falar do evento por redes sociais ou por amigos, e se deslocam de regiões distantes apenas para vivenciá-lo. Chegam em grupos, em sua maioria, pelo transporte coletivo, enquanto outros, com maior poder aquisitivo, utilizam transporte por aplicativo ou carro particular.

Esse dado, aliás, aponta para algo importante: a forma de transporte também revela marcadores de classe e de raça. Ao conversar com alguns participantes, percebi que o tipo de deslocamento frequentemente indicava o lugar de origem, se era uma região periférica ou um bairro considerado “nobre” da capital. Essa as-

sociação direta entre mobilidade, classe social e racialidade se complexifica ainda mais quando observamos que, com a ampliação da divulgação do evento, sobretudo a partir de 2019, o BKP passou a atrair também jovens brancos de classe média das camadas mais elitizadas da cidade.

Para pensar a presença da juventude no BKP, é preciso falar dos *bondes* — termo utilizado nas periferias para designar grupos de jovens que andam sempre juntos, conectados por laços de amizade, território, identidade e vivência. Esses *bondes* chegam animados, ocupando o espaço com seus corpos, estilos e desejos. No BKP, pude identificar *bondes* de funkeiros, rappers, pagodeiros, sambistas, rockeiros, góticos e até sertanejos. Cada um desses grupos performa sua estética de maneira singular. Mais que estilo, há uma linguagem política sendo produzida com o corpo — seja pelo look, pela dança, ou pela simples presença no espaço.

Não me propus a essencializar esses grupos, tampouco rotulá-los, mas sim observar como suas presenças revelam narrativas plurais das juventudes que vão ao evento. No plano das identidades de gênero, destaco a presença significativa da população T da sigla LGBTQIAP+, travestis, transexuais e transgêneres, em todas as edições que acompanhei. A motivação de grande parte desse público gira em torno do lazer e da celebração coletiva com amigos. Ao lado delas, a presença de mulheres negras cis também é constante e marcante. Percebi que, ambas as populações constroem um espaço de convivência que desafia os julgamentos sociais impostos cotidianamente a seus corpos.

No BKP, corpos negros, gordos, dissidentes e femininos podem se vestir como quiserem, dançar como quiserem, existir livremente. Há um convite ao reconhecimento e ao diálogo com esses corpos — corpos que resistem apenas por serem quem são. Enquanto circulam pelo evento, os *bondes* também se misturam. Apesar de cada edição do BKP ter um tema central, os assuntos que emergem nas conversas entre os jovens são diversos: política, economia, questões sociais e raciais. Lembro da Edição Força Preta (2017), quando ouvi um jovem perguntar a outro: “O que você acha da prisão do Rafael Braga?” Essa simples pergunta gerou uma série de debates e reflexões, cada um trazendo sua visão, seus argumentos e experiências. Assim, o BKP se transforma em espaço de troca de saberes, vivências e posicionamentos — um espaço que politiza sem burocratizar, que forma sem hierarquizar.

Nesse sentido, o BKP reafirma sua dimensão política. As tensões e contradições que atravessam o evento evidenciam os limites de uma democracia que ainda marginaliza e silencia corpos negros e dissidentes. A estética, as roupas, os penteados, os adereços — tudo é linguagem. Mais do que apenas representar os sujeitos

que estão ali, essas escolhas estéticas também marcam a curadoria do evento: da seleção dos DJs aos *freelances*, da produção visual ao discurso institucional. Tudo no BKP é atravessado pela política da imagem e da presença. E essa estética vai além do visual. Ela também se faz nas escolhas políticas. Em muitas edições, por exemplo, *drag's* compõem a *line-up*, algo ainda raro em eventos da capital capixaba. Fora do BKP, a presença da diversidade nos palcos geralmente aparece apenas de forma temática ou pontual. No BKP, ao contrário, a estética da diversidade é cotidiana, estruturante, ela é o próprio protagonismo.

Às 3h da manhã, ainda estamos todas atentas e atentos.

Nesse momento, começa um dos momentos mais esperados do evento: a *Koo-Battle* — a batalha de *koo*. Numa tradução livre, mas jamais literal, trata-se de uma disputa que envolve os glúteos, sim, mas também envolve ousadia, carisma, movimento e expressão. É o momento em que alguns participantes, selecionados aleatoriamente, sobem ao palco para dançar ao som da mesma música e disputar o prêmio simbólico da noite. Quem vence é quem mais cativa o público — nos aplausos, nos gritos, na vibração coletiva. A performance precisa ser ousada, mas, acima de tudo, livre. Desde o início, Priscila Gama explica as regras: além da visibilidade garantida nas redes do evento, o/a vencedor (a) recebe destaque com fotos exclusivas e marcação de seu perfil, que passa a circular nas páginas oficiais do BKP. É um momento de projeção.

Durante a *Koo-Battle*, os DJs pausam a *line-up* e Priscila assume o microfone. É ela quem conduz a dinâmica, observa o público e escolhe, de forma totalmente espontânea, quem subirá ao palco. Não há critérios fixos, tampouco divisões de gênero: todas as identidades podem disputar entre si, em igualdade. No palco, os participantes já chegam soltos, desinibidos, muitas vezes animados pelos efeitos dos drinks. A empolgação é visível, e o público vibra junto. A batalha se tornou um dos momentos mais populares do BKP. Muitos jovens frequentam o evento com o desejo explícito de participar dela. Alguns chegam cedo e se posicionam estrategicamente na frente do palco, esperando serem notados por Priscila. Conversando com alguns frequentadores, ouvi relatos de jovens que comparecem ao BKP com esse único objetivo: viver a experiência da batalha.

Mas o que realmente acontece na *Koo-Battle*? A batalha, ao contrário do que o termo pode sugerir, não é marcada por rivalidade. Ela é celebração. Os corpos sobem ao palco para dançar, para performar, para afirmar sua existência. É um momento de liberdade onde os corpos, em sua diversidade, são contemplados, vistos, aplaudidos. Há quem se jogue nos passinhos coreografados; outros apostam em saltos, giros, e há também quem desça até o chão e ali fique, rebolando com resistência e potência

durante minutos. Sob uma perspectiva afrocentrada, é um momento de linguagem em movimento – uma cena afro-estética e afro-musical que revisita memórias corporais, recria sentidos, reinscreve os corpos no lugar. Nada de antilugar: o palco é um lugar de visibilidade, de celebração, de resistência. Aquele/a que vence recebe, além do destaque nas redes, acesso à área VIP, com direito a bebidas e outras cortesias até o fim da noite. Terminada a batalha, os *DJs* retomam o comando e uma nova *line-up* começa. O evento, agora, se aproxima do fim.

Opa, já são 5h da manhã?

É nesse horário que Priscila volta ao palco para anunciar o encerramento. A notícia é recebida com um coro de vaías carinhosas, gritos de “não acaba!” e aplausos. A quadra ainda cheia, o público ainda dançando, suado, vibrante. Aos poucos, o som vai diminuindo. As mixagens cessam. As luzes se apagam. E, pela janela da quadra, já é possível ver o céu clareando, o novo dia desponta. Enquanto o DJ desmonta sua mesa, uma música de fundo preenche o silêncio que começa a se instalar.

Priscila, com a voz rouca e o coração cheio, agradece ao microfone: “Obrigada pela presença de todas, todes e todos”, e orienta que a saída será feita pelo portão lateral. Para quem quiser seguir a noite em outro rolê, ela deixa o recado: cuidado, protejam-se. A caminho da saída, com o corpo cansado e a alma leve, percebo o quanto a noite no BKP foi atravessada por representações potentes. Tudo ali remete à cultura afro-brasileira: a batalha de *koo*, os *DJs*, os ritmos — charme, *trap*, *dub*, *hip hop*, *afrobeats* e *funk*. Mas mais que gêneros musicais, são códigos de linguagem, de luta e de resistência.

Ao auscultar os comentários dos jovens ainda animados, entendo: eles se sentem parte daquilo. Sentem-se protagonistas. Reconhecem-se como responsáveis por manter o BKP vivo. E eles estão certos. Já dentro do ônibus, a caminho de casa com meus amigos, recordo a música de Cidinho e Doca (1995): “Eu só quero é ser feliz”. E percebo que aquela fração de segundo de felicidade cantada por eles, eu pude viver.

Intensamente. O BKP (re) cria afro-potências.

REFERÊNCIAS

_____. 2021. 258 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do, 25 maio 2021.